

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte UESP Class.: 681

Data 05/07/84 Pg.: \_\_\_\_\_

## Denunciado abandono de índios e desvio na Funai

MARÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

Praticamente sem assistência, cinco crianças indígenas morreram de desidratação durante o mês passado, nos postos da 12ª Delegacia da Funai, região de Bauru, enquanto as equipes de saúde do órgão há vários meses não vão

As cinco mortes ocorridas em junho correspondem a igual número do total de mortes de crianças indígenas registradas no ano passado na região. Esse resultado interrompe um período de efetiva assistência à saúde que a Funai vinha prestando nos postos do Sul do País. Depois da criação da 12ª Delegacia, em 1978, o índice de mortalidade infantil nas aldeias da região foi reduzido bastante.

Atualmente, porém, segundo Villas Boas, as 12 comunidades indígenas vinculadas à delegacia que dirige estão correndo o risco de voltar à condição de "bóias-frias", que haviam abandonado depois de a Funai autorizar, em 1980, os projetos agrícolas nas reservas para garantir a sua auto-suficiência. O retrocesso que vem ocorrendo aumentou as dificuldades da delegacia e tornou inviável a movimentação das equipes de saúde, assistência social e agrícola. Isso gerou um clima de revolta entre os índios que, em alguns postos, já prometem formar caravanas até Brasília para protestar na sede da Fundação. Em algumas aldeias, segundo o

até as aldeias por falta de recursos. As informações são do sertanista Alvaro Villas Boas, diretor dessa delegacia, ao denunciar "a situação caótica, de abandono e isolamento completo" em que estão os grupos de índios do Interior de São Paulo e Norte do Paraná, áreas em que vivem 3.500 caingangues, terenas e guaranis.

sertanista, cresce um movimento que objetiva desenvolver-se da 12ª Delegacia e da administração da Funai e manter entendimentos diretamente com o Ministério do Interior.

Para Alvaro Villas Boas, o clima de revolta que predomina entre os índios da região da 12ª Delegacia "poderá trazer conseqüências imprevisíveis" e é resultado da política excessivamente centralizadora da Funai, que acusa o sertanista, "está sendo comandada por antropólogos agitadores, com o apoio do Cimi (Conselho Indigenista Missionário), que usam o índio como instrumento de ação política para alcançar os seus objetivos".

Villas Boas afirma que existe uma "indústria do índio" e que a Funai vem transformando-se em "cabide de empregos", gerando mordomias em Brasília e fazendo com que os corredores e salas de sua sede funcionem na prática como locais para a "lavagem cerebral" dos indígenas. Para o sertanista, a ação daqueles antropólogos e do Cimi resulta na introdução de uma nova cultu-

ra entre os índios, o que, em sua opinião, "vai acabar com eles". Como exemplo, lembra o episódio do seqüestro de funcionários da Fundação praticado por índios do Xingu, "comportamento que não faz parte da cultura indígena, que desconhece o seqüestro como forma de pressão. Quando não está satisfeito, o índio declara guerra e ataca para matar".

"Eles (os antropólogos do Cimi) só ensinam ao índio reivindicar, não se preocupando em incultir-lhes deveres e obrigações. O que a Funai precisa é de gente que tenha os pés no chão e que deixe de lado tantas fantasias. É preciso afastar esses antropólogos com urgência, mesmo que isso cause revolta entre eles, pois mais vale a vida de uma criança indígena do que o grito de todas as faculdades do Brasil" — diz Alvaro Villas Boas.

O sertanista critica também o deputado federal e ex-cacique Mário Juruna, por ser "o pior exemplo possível para o índio. Ele nunca trabalhou e ainda largou a mulher para viver com outras quatro". Para Villas Boas, o deputado tem colaborado decisivamente para agravar a situação dos índios, promovendo constantes deslocamentos de grupos indígenas até Brasília, "e fazendo com que os recursos da Funai sejam usados em hospedagens e mordomias, em vez de servirem para a melhoria das aldeias".

Ele conclui que as prioridades da Funai têm sido voltadas exclusivamente para os índios do Xingu e para os pataxós: "Há dois anos só se fala nisso", enquanto os demais grupos indígenas ficam abandonados, sem nenhuma assistência efetiva.